



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16831 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

Minha Experiência lésbica com a solidão: Uma pedagogia insurgente no processo de autoafirmação?

Camila Corrêa Pierzckalski - PPGEDU/UFRGS

### **MINHA EXPERIÊNCIA LÉSBICA COM A SOLIDÃO: UMA PEDAGOGIA INSURGENTE NO PROCESSO DE AUTOAFIRMAÇÃO?**

Quando li o mangá “Minha experiência lésbica com a solidão” pela primeira vez, não me conectei imediatamente com a autora Kabi Nagata (2019), ela, em um profundo sofrimento psíquico parecia distante demais. Mesmo sentindo esse distanciamento, fui arrebatada pela sua dor, reverberava em mim de formas que só comecei a compreender quando decidi olhar para essa leitura como objeto de estudo.

Perceber o mangá como um *artefato cultural* enquanto estudava sobre currículos não escolares nas disciplinas do Mestrado em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, fez com que eu me abrisse ao sofrimento que a Kabi expunha em suas ilustrações e diálogos, evidenciando questões sobre minhas próprias experiências que estavam profundamente enterradas.

Maknamara (2020) sugere que os *artefatos culturais* têm potencial de produzir currículos, mesmo quando não fazem parte de uma estrutura formal de educação escolar, podendo impactar significativamente na formação de sujeitos. O mangá de Kabi, ao narrar uma experiência profundamente pessoal de solidão, depressão e autorreflexão dos seus processos cotidianos de autoafirmação de sua identidade lésbica, oferece uma narrativa que pode ser interpretada como um "currículo" para aquelas, que como eu, tem sua existência pautada por um pertencer singular. Ela não apenas documenta uma experiência individual, mas também permite que outros sujeitos lésbicos se reconheçam e validem seus sentimentos.

A mangaká introduz sua autobiografia indicando que aos vinte e oito anos de vida, nunca tendo antes uma relação romântica e muito menos sexual - relacionando ainda com o fato de nunca ter possuído um emprego formal - “numa tarde de junho de 2015”, ela ficou “de frente com uma prostituta lésbica” (Nagata, p. 4, 2019), essa primeira exposição de suas vivências, dependendo do leitor, vendo-a como impactante ou não, em comunhão com o restante da narrativa, deixa evidente que sua autorreflexão parte da (re)visitação, do (re)viver e da (re)leitura de sua trajetória (Freire, 1986), que a levaram até aquele momento.

Essa leitura crítica de si, aliada a necessidade de se autoafirmar com a escrita, como ela deixa claro, ao decidir que quer sim escrever sobre ela e tudo que a formou até aquele momento, mesmo que isso decepcione e desagrade seus pais, familiares e amigos, propiciaram ressignificar meu olhar sobre o (re)existir da minha identidade como lésbica (Nagata, 2019).

A leitura literária sendo uma constante no meu cotidiano desde a infância, vem promovendo formas de subjetivação outras, divergindo daquelas produzidas a partir dos dispositivos de controle (Foucault, 2023), principalmente ao que tange a sexualidade e gênero. Essas subjetivações têm produzido rompimentos entre a leitura de mundo que eu fazia enquanto crescia e as reflexões que faço ao (re)escrever esse movimento a partir da autoetnografia.

Trazendo um recorte desse processo, escolhi alguns excertos do mangá em atravessamento com minhas memórias adolescentes, compreendendo que posso estar sendo traída pelas mesmas, incutindo novos significados que provavelmente não enxerguei anteriormente, por falta de referências, repertório, ou pelo que venho desenhando como uma autoimposição heteronormativa que ainda regula meus modos de interrogar esses atravessamentos subjetivos.

Pensando em uma intersecção das narrativas autobiográficas, tanto da Kabi, quanto as minhas, decido elencar o segundo capítulo, onde ela passa a traçar os caminhos que a levaram a tomada de decisões profissionais e pessoais que abafavam seus verdadeiros desejos, fazendo com que ela sentisse uma necessidade latente em agradar e cumprir com as expectativas de seus pais, deixando nítido ao afirmar que: “para mim, a validação dos meus pais era absoluta. Quero ser reconhecida por eles. Quero que me perdoem, mesmo eu não me esforçando” (Nagata, p. 24, 2019).

Minha leitura percebe um esforço genuíno da autora - ao contrário do que ela afirma - em cumprir com essas expectativas. Buscava inserir-se no mercado de trabalho, mesmo que informal, para, através da independência financeira assegurar aos seus pais que era sim útil e que poderia se inserir nesse modelo de vida capitalista, centrado em um juízo de valor que depende de *como* e *quanto* se contribui com a máquina social-econômica.

Nesse capítulo, Kabi vai passando por diversas entrevistas de empregos dos quais ela não possui real interesse, mas que acredita que vão ser os responsáveis por colocá-la em

posição de reconhecimento, mesmo que esteja infeliz, indisposta, mesmo que ela se sinta incutida em provocar dor física a si mesma para ter algum tipo de alívio quanto a sua realidade. Seu adoecimento psíquico, não parece, enquanto a autora os revisita, que eram entendidos como parte da supressão de si que ela vinha se autoimpondo para caber nas expectativas normativas desse ser social.

Experienciei algo parecido, ainda durante o Ensino Médio, projetando na independência financeira esse desejo de agradar, de demonstrar que eu poderia ser mais do que um “poço sem fundo” de despesas. E, rememorando essa conclusão que parecia óbvia aos 16 anos, analisando as repercussões, vejo o quanto nos enganamos, já que existe toda uma “situação estratégica complexa” (Foucault, p. 107, 2023) de poder, em nossa sociedade capitalista, que regula essa necessidade de cumprir com essas expectativas hierárquicas em relação aos progenitores, que não vão desaparecer com a participação financeira.

Enquanto a autora passeia pelos caminhos das memórias em relação as entrevistas de emprego, ela vai sendo (re)mexida pelos próprios entrevistadores que a questionam das razões por escolher se candidatar a determinado trabalho se seus desejos estavam voltados para a escrita e ilustração de mangás. É nesse momento, que começo a traçar um paralelo entre o mundo do trabalho e a autoafirmação de uma sexualidade atravessada pelas performances de gênero.

A autora, ao explorar seus desejos de ser abraçada e acolhida, ensaia compreensões mais complexas sobre sua sexualidade. Ela reflete que, embora busque afeto independentemente de gênero, um vínculo mais íntimo só poderia ocorrer com outra mulher. Antes de abordar diretamente sua sexualidade, ela destaca como está profundamente afetada pelas expectativas de gênero da sociedade japonesa, o que ressoa com experiências de muitas mulheres em diferentes contextos. Kabi expressa o medo de ser excessivamente categorizada como mulher, ao mesmo tempo em que percebe sua atração pelo corpo feminino sem grandes questionamentos (Nagata, 2019).

Aos 28 anos, enquanto escreve suas memórias, Kabi admite entender pouco sobre sua sexualidade, principalmente porque se via incapaz de explorar esses pensamentos, associando-os a algo errado. Ela relata que acreditava que morreria sem nunca se conectar com assuntos relacionados ao sexo. Essa repressão de seus desejos sexuais é uma forma de regulação imposta tanto por ela mesma quanto pelas normas sociais hegemônicas. Da mesma forma que Kabi se negava o direito de pensar sobre sexo, eu me negava pensar sobre os motivos de eu odiar o fato de não sentir prazer nas relações heterocentradas que eu me obrigava a vivenciar.

Retomando a questão do abraço e de suas necessidades afetivas, ela se dedica a pesquisar sobre, na internet, e encontra artigos que sugerem que adolescentes que experienciam precocemente o ato sexual, no fundo só desejam ser acolhidos e abraçados com afeto. Com essa leitura, ela conclui que, “como efeito colateral dessa vontade, as pessoas

acabam se ferindo tanto por dentro como por fora, ou buscam se satisfazer através de uma vida sexual exacerbada” (Nagata, p. 52, 2019).

De encontro com a conclusão da Kabi, vejo projetada nas minhas vivências essa busca por satisfação e validação da heteronorma no exercício de, como diz a autora, “uma vida sexual exacerbada”. Mesmo depois de ter meu primeiro beijo com uma amiga, passei, a partir daquele momento a performar uma heterossexualidade punitivista, me negando o olhar afetivo para com as sensações produzidas naquele beijo. Fazia questão de só me relacionar com o objeto “certo” de desejo, invalidando minha primeira experiência. Esse processo de autorregulação gerava ao poucos um afastamento de mim, impedindo que eu identificasse esses sentimentos como parte da minha sexualidade (Glória, 2021).

O que me leva ao próximo tópico, acho importante ressaltar, que, mesmo a temática do mangá sendo sobre a experiência lésbica da autora, ela não trata dela diretamente, Kabi vai passeando por momentos de sua vida em diversas esferas, e mesmo que não aponte em cada ilustração que tal sentimento fosse diretamente atravessado pelo seu existir lésbico, aos poucos, em diálogo com o leitor, deixa clara suas intenções de direcionamento de público.

Se avançarmos a leitura para os capítulos finais, Kabi vai se questionar os motivos de nunca ter lido obras que “mostrassem o sexo lésbico”, mesmo tendo identificado, desde muito nova, que seu objeto de desejo estava diretamente relacionado a leitura social-histórica-cultural do que é um corpo feminino. Ela afirma ainda que só se permitia consumir mangás eróticos de homens gays, pois era um tipo de erotismo totalmente alheio a ela, então seu consumo não estaria infringindo as expectativas de seus pares.

E é nesse direcionamento de público e o esvaziamento de referências literárias e midiáticas de personagens lésbicas, que vivi durante minha adolescência e que reflito sobre o desejo da autora de escrever sobre si, penso que, mesmo que tenha sido inconscientemente, Kabi ansiava por referências e então as produziu.

Esse produzir podendo ser visto como um encorajamento pessoal, através da escrita parresiástica, e também daquelas que a leem, originando uma referência de existência. O mangá de Nagata oferece uma narrativa que desafia a invisibilidade e os estigmas associados às identidades lésbicas e à experiência da solidão que podem estar diretamente relacionada com as ausências dessas referências (Glória, 2021).

Ao narrar suas experiências de maneira aberta e crua, a autora cria um espaço de identificação e autorreflexão para outras pessoas que compartilham desse (re)existir singular, e isso me inclui. Em todos os anos que consumi literatura, as que tive acesso antes da leitura do mangá, centravam-se nas relações entre mulheres lésbicas. Mesmo contribuindo com a produção de significados outros e ressignificando o imaginário desse existir singular da lesbianidade, mediada pelas normas culturais hegemônicas, focavam muito mais no romance, no que no desenvolvimento subjetivo dessas identidades lésbicas.

Durante toda a minha adolescência, me expus as violências de estar em relações heteronormativas, por não me reconhecer como fora da norma, eu não queria ser lida como divergente, não ansiava para que os xingamentos e piadas pejorativas dos meus colegas fossem direcionados a mim. Ao me autoimpor a prática sexual heterossexual com o único objetivo de não desafiar as estruturas sociais-histórico-culturais, fui me perdendo de mim, me sentia constantemente sozinha e me questionava do porquê “essa vida servir para os outros e não servir para mim” (Glória, p. 93, 23021).

Quando você pauta toda sua existência em atender as expectativas dos outros, cria um, ou mais personagens, desenvolve estratégias para resistir gerando um profundo desconhecer de si e uma sensação de despertencimento do tecido social, algo que Kabi deixa evidente quando é demitida: “naquele dia, ao perder o ‘último lugar que me aceita’, em potencial que me restava, me senti como se tivesse sido lançada para o espaço sideral escuro e impiedoso, sem nada para me sustentar de pé” (Nagata, p. 17, 2019).

Quando, tanto eu, quanto a autora, nos apoiamos na literatura, no meu caso, do gênero fantasia e no da Kabi, os mangás eróticos gays, queremos nos desconectar da realidade material, imaginando outras realidades possíveis em que essas regulações sociais da cultura hegemônica não sejam uma questão. O retorno à realidade, para ambas, era mediado pelas relações de trabalho, única forma que víamos de compensar nossas falhas, enquanto, negar nossos desejos parecia ser o caminho lógico para receber o acolhimento e a aceitação que tanto almejávamos.

A (re)existência é lenta e não linear, se manifestando quando autoafirmamos nossas verdades, seja pela leitura, pela escrita, por marcar um encontro com uma prostituta lésbica, ou deixando um bilhete ao lado da cama da mãe, aos vinte anos, dizendo que estava namorando uma mulher a cinco meses. Independentemente de qual estratégia se trace para causar rupturas, podemos compreender o mangá de Kabi como uma pedagogia insurgente.

Quando um *artefato cultural* oferece novas maneiras de interpretar o mundo e produzir saberes, ele se configura como currículo, contribuindo para a formação de sujeitos ao atribuir significados a diferentes aspectos da realidade e com isso produz uma ou várias pedagogias (Maknamara, 2020). Se pensarmos como as pedagogias decoloniais se constroem nas lutas e nas práticas de intervenção, criação e libertação (Walsh, 2017), essa perspectiva pode ser relacionada a autobiografia de Kabi, atuando como uma pedagogia insurgente.

Pensar um *serviver* lésbico a partir do mangá, como uma pedagogia insurgente, é refletir sobre si, se (re)encontrar com partes suas tidas como perdidas, perceber que, mesmo quando as vivências estão separadas por longas extensões de terra e mar, as proximidades subjetivas do sentir coletivo, reverberam e subvertem.

Se, ser mulher que ama outra mulher é (re)existência ao modelo heteronormativo da cultura hegemônica, onde eu aprendo a ser (re)existência? Como eu subverto as expectativas que são em mim incutidas pela necessidade de performar o gênero que me foi atribuído ao

nascer? Se as referências produzidas por e para mulheres lésbicas é igual a pertencimento, e a falta delas é propagadora de solidão, como nossas identidades lésbicas (re)existem nesse contexto contínuo de autorregulação?

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoetnografia. Pedagogias insurgentes. Literatura. Lesbianidades.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2023.

GLÓRIA, Angélica. **Cuidado com mulheres lésbicas: prática clínica em psicologia**. Niterói, RJ: Ed. da Autora, 2021.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz, v. 28, n. 2, jun. 2020. ISBN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14189>>. Acesso em 9 ago. 2024.

NAGATA, Kabi. **Minha experiência lésbica com a solidão**. Tradução de Thiago Nojiri. São Paulo: NewPOP editora, 2019.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Catherine Walsh, editora, 2017.